



# Universidade: presente!

**UFRGS**  
PROPEAQ



## XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2019
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	O Samba e a Cena: identidade, religião e ancestralidade
<b>Autor</b>	ANNA LAURA CHEPP DE LIMA
<b>Orientador</b>	LUCIANA MORTEO EBOLI

## O Samba e a Cena: identidade, religião e ancestralidade

Autora: Anna Laura Chepp de Lima

Orientadora: Luciana Morteo Éboli

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Cunhado “arte nova” pelo escritor Luiz Paulo de Pilla Vares por sintetizar em si uma multiplicidade de linguagens estéticas, o carnaval organizado dentro da escola de samba oferece a possibilidade de análise a partir de diferentes áreas do campo artístico. É difícil imaginar que os sambistas que se reuniram no Bar do Apolo, em 1928, no intuito de formar um bloco de carnaval que saísse ao som de sambas, pudessem prever o encontro da música, das artes cênicas, das artes visuais, das narrativas da história, da literatura e da religião num mesmo espetáculo pouco tempo depois. O trabalho pretende explicar o ritual cênico do desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro a partir do seu componente sonoro, o samba-enredo. Essa pesquisa está vinculada ao projeto “Narrativas cênicas e expressões na arte: Imaginário, Memória e Identidades”.

Ancestralidade é memória, memória é ritual e ritual tem sacralidade. A partir de três sambas-enredo *Kizomba, a Festa da Raça (Vila Isabel 1988)*, *Só Com a Ajuda do Santo (Mangueira 2017)* e *Xangô (Salgueiro 2019)*, de documentos do carnaval carioca, aprofundamentos vivenciais e teóricos do candomblé e entrevistas de antigos sambistas, o estudo objetiva compreender a religiosidade como marca latente e fundamental para a reconstituição da memória afro-brasileira que se expressa cenicamente todo (santo) ano na avenida Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro. Para tanto, a pesquisa tem como base teórica os estudos de Nei Lopes e Luiz Antonio Simas, para memória do samba, Zeca Ligiero para o estudo das performances brasileiras, Roberto Da Matta na análise do carnaval, Maurice Halbwachs para a memória coletiva e Victor Turner para estudo do processo do ritual.

A forma samba-enredo, originada dentro da escola de samba com o objetivo de servir de trilha sonora dos desfiles carnavalescos, sendo sempre submetido ao enredo, carrega a história do partido alto, do samba de terreiro e dos primeiros templos de candomblé do Rio de Janeiro. No começo do século XX, era chamado de terreiro o espaço de encontro dos sambistas e do exercício do samba. Esse terreiro podia ser tanto o quintal da Tia Ciata, quanto uma quadra de escola de samba ou o desfile da Praça Onze. Sabe-se que as manifestações artísticas do povo negro sempre foram duramente reprimidas, mas com a formação das escolas de samba, os sambistas começaram a encontrar certa liberdade de expressão, visto que os desfiles atraíam público e muitos turistas.

Até o presente momento da pesquisa, conclui-se que foi nesse espaço do samba e do samba-enredo que o povo afro-brasileiro retomou seu lugar de fala para elaborar discursos que comunicassem suas experiências, demandas e motivos. É importante considerar que o samba de morro do Rio de Janeiro surgiu em plena reforma urbana nos bairros de população marginalizada, logo, o espaço do samba operava nas frestas do sistema repressivo. O terreiro era o espaço da troca, da afinidade e do compartilhamento e, nesse sentido, a sonoridade possui grande poder de integração, e os toques de tambor carregam a ancestralidade do povo do Asé. As principais características do samba em sua origem (poética, ritmo, dança, rito) permanecem nas apresentações ainda hoje. A figura imortalizada do malandro e a indispensável ala das baianas, homenagem às grandes iyalorixás da Bahia, são outros exemplos da expressão da memória afro-brasileira no carnaval. Os desfiles das escolas de samba podem ser considerados celebrações cênicas da ancestralidade.